



No final em 2025 a taxa de desemprego jovem situava-se nos 19,5%, quase quatro vezes acima da média regional de 5,1%

# Região perdeu metade dos jovens no mercado de trabalho em duas décadas

Em 2005, havia 16,4 mil jovens empregados nos Açores. Vinte anos depois, são 8,9 mil. A região cresceu, o emprego atingiu recordes, mas no mercado de trabalho os jovens representam metade face a 2005. Para Francisco Simões, os números espelham “problema estrutural do desemprego em Portugal, com uma expressão mais acentuada nos Açores”

Ana Carvalho Melo  
anamel@acorianooriental.pt

Em 2005, os Açores contavam com 16,4 mil jovens empregados. No final do ano passado eram 8,9 mil. Em duas décadas, a região perdeu quase metade da sua população jovem no mercado de trabalho, segundo dados do Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA).

O contraste parece menos expressivo quando se olha para as taxas: em 2005, 41,2% dos jovens açorianos entre os 15 e os 24 anos tinham emprego, enquanto no final de 2025, essa proporção era de 35,6%. No entanto os dados mostram que a redução de 6,6

pontos percentuais na taxa de emprego jovem ao longo destes 20 anos, foi acompanhada por uma diminuição acentuada da população jovem total residente na região, que passou de 38,9 mil para 25,1 mil.

Para Francisco Simões, investigador do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, esta redução do emprego jovem reflete “um problema estrutural do desemprego em Portugal, com uma expressão mais acentuada nos Açores”.

“A transição dos jovens para o mercado de trabalho, nos países ditos ocidentais, tornou-se mais incerta, com avanços e recuos, precariedade, retorno ao

desemprego e reentrada no mundo laboral. Esta transição tornou-se, também, mais longa, devido ao prolongamento dos estudos. Os doze anos de escolarização obrigatória constituem uma mudança, apesar de tudo, recente”, afirma.

Neste contexto, revela que, por um lado, o aumento exponencial de jovens que ingressam e concluem o ensino superior implica transições mais demoradas, mas alerta que, nos Açores, se continua a ter um número muito significativo de jovens que não concluem o ensino secundário e que estão em situação de abandono escolar precoce.

“Além do mais, o aumento das

“

**A transição dos jovens para o mercado de trabalho, nos países ditos ocidentais, tornou-se mais incerta, com avanços e recuos.**

Francisco Simões  
Investigador do ISCTE

qualificações superiores, na região, faz-se a um ritmo anémico: entre 2011 e 2024, a população com o ensino superior concluído

aumentou de 10,8% para 17,6%”, afirma, realçando que, neste contexto, “a demografia interessa, porque os mais qualificados saem e muitos deles não regressam”.

E explica: “Consequentemente, uma grande parte dos jovens açorianos que entram no mercado de trabalho têm qualificações baixas e os setores imediatamente disponíveis para absorver essa mão de obra são, por exemplo, o turismo ou a construção. Esses setores dependem consideravelmente de fatores de contexto, como a situação internacional ou os quadros de financiamento europeu, e os empregos que geram são menos sustentáveis. Por exem-



Investigador Francisco Simões alerta para o facto de muitos jovens não regressarem à Região após a conclusão de estudos superiores

plo, após a crise de 2008, a região perdeu 10 mil empregos só na construção civil. Num tempo de crises sucessivas e ciclos económicos virtuosos mais curtos, os riscos de desemprego jovem são mais acentuados em regiões onde predominam baixas qualificações e setores com baixo potencial de inovação.”

#### Taxa de emprego jovem não acompanha a média regional

Analisando os dados do SREA relativos aos últimos 20 anos, verifica-se que o emprego jovem atingiu o seu ponto mais baixo em 2015, quando apenas 6,5 mil jovens entre os 15 e os 24 anos estavam empregados na região, após uma queda que se iniciou em 2005 e se agravou com a crise económica. A taxa de emprego jovem caiu de 41,2%, em 2005, para 19,2%, em 2015.

A recuperação iniciada em 2016 permitiu que o número de jovens empregados subisse para 9,5 mil em 2022, mas a tendência inverteu-se ligeiramente nos anos seguintes, estabilizando nos 9,1 mil em 2024 e recuando para 8,9 mil no final de 2025.

Assim, no final de 2025, a taxa de desemprego jovem (16-24 anos) nos Açores situou-se nos 19,5%, quase quatro vezes acima da taxa de desemprego global da região, que foi de 5,1% no mesmo período.



**Será, ainda, fundamental que um maior número de formações de curta duração esteja disponível para que jovens que pretendam mudar de área profissional.**

**Francisco Simões**  
Investigador do ISCTE

A disparidade face à população adulta é igualmente expressiva: enquanto a taxa de emprego jovem era de 35,6% no final de 2025, o grupo dos 35 aos 44 anos registava uma taxa de 88,4%.

Nesta análise, a escolaridade revela-se um fator determinante na inserção no mercado de trabalho: segundo o SREA, a taxa de emprego dos jovens com ensino superior era de 81,5% em 2025, contra 46,0% para aqueles com apenas o ensino básico.

Apesar de não existirem dados que mostrem a relação entre o emprego jovem e a escolaridade, no final de 2005, a

maioria da população empregada, independentemente da idade, possuía apenas o ensino básico (82,6 mil pessoas do total de 106,4 mil).

Vinte anos depois, no quarto trimestre de 2025, o volume de jovens empregados reduziu-se para 8,9 mil. Apesar desta quebra quantitativa, o perfil de escolaridade da população empregada, independentemente da idade, inverteu-se: enquanto em 2005 o grupo com ensino secundário e superior representava apenas cerca de 22% do emprego total, em 2025 este grupo já representa mais de 52% da força de trabalho regional (62,7 mil indivíduos entre ensino secundário e superior num total de 119,6 mil empregados).

#### Jovens NEET diminuem, mas vulnerabilidade persiste

Relativamente aos jovens NEET - que não trabalham, não estudam e não estão em formação -, o SREA contabilizou 7,8 mil jovens nesta situação no final de 2025, correspondendo a 14,1% da população entre os 16 e os 34 anos. Destes, 4,6 mil encontravam-se na inatividade e 3,2 mil estavam desempregados à procura ativa de trabalho.

Este valor representa uma melhoria face aos 9,6 mil jovens NEET registados no quarto trimestre de 2023, quando a taxa

se situava nos 16,1%, e aos 12,3 mil contabilizados no final de 2021, equivalentes a 20,2% do grupo etário.

Para Francisco Simões, o decréscimo da taxa de jovens NEET corresponde ao incremento histórico do emprego.

“Nos últimos anos, os jovens encontraram no mercado de trabalho resposta para os seus projetos de vida profissionais mais imediatos. A falta de mão de obra e a baixa intensidade tecnológica dos empregos oferecidos, especialmente nos serviços, justificam, em grande medida, este resultado”, explica.

Nesse sentido, explica que algumas medidas de política pública, ao nível da orientação, como o GOVP, uma iniciativa do Governo Regional dirigida para este grupo de jovens, atingiram também metas importantes de reorientação para o mercado de trabalho. Contudo, realça que “a esmagadora maioria destes jovens não deu prioridade a melhorar as suas qualificações e é incerto que as empresas tenham contribuído para uma melhoria das mesmas. Isso significa que, face a cenários de desaceleração da atividade económica, estes jovens rapidamente reentrarão na condição de NEET”.

Nesse sentido, defende que, além das medidas de qualificação em vigor, “será importan-

te criar modelos de formação híbridos, para ativos jovens que estão em situação de emprego, equipando-os com competências que lhes permitam redirecionar o seu percurso profissional mais rapidamente”.

“Será, ainda, fundamental que um maior número de formações de curta duração esteja disponível para que jovens que pretendam mudar de área profissional, em períodos curtos (3 a 6 meses), possam ganhar as competências técnicas básicas para o fazer”, aconselha.

Mas realça que “mais importante, é preciso trabalhar a montante, na prevenção do insucesso escolar e do abandono escolar precoce”.

“A taxa de retenção e desistência em todos os ciclos do ensino básico piorou desde 2020, quase duplicando, como mostra o relatório Regiões em Números, da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. Isso não é uma boa notícia”, alerta.

#### Projeto OVER-SEES aponta para formação especializada e transição verde

Questionado sobre o projeto OVER-SEES, que lidera e que envolve os Açores a par de regiões insulares da Irlanda, da Grécia e da Itália, Francisco Simões recordou que o projeto aposta em setores tecnicamente diferenciados ou na diferenciação de setores intensivos como o turismo, ligando-os a oportunidades associadas à transição verde.

“Um aspeto singular revelado pelo projeto, e que não é evidente nas estatísticas públicas, prende-se com os mecanismos que geram a oferta formativa. O projeto OVER-SEES responde a uma necessidade sentida e já explicitada pelos jovens, em vários workshops realizados nos últimos 3 meses, de definir formação profissional mais à medida e mais especializada”, explica, salientando que “um dos resultados esperados deste projeto é, precisamente, desenvolver e pilotar novos programas de orientação, requalificação rápida, formação para jovens empreendedores e formação de nível V, respondendo a estas necessidades”.

Acrescenta que “por outro lado, o fator que mais distingue os Açores das outras regiões é, precisamente, as baixas qualificações, principalmente em relação à zona Oeste da Irlanda e às Ilhas do Mar Egeu, ambas regiões de implementação do projeto”. ■

# Região perdeu metade dos jovens no mercado de trabalho em 20 anos

## Primeira Hora

### Emprego.

Número de jovens empregados passou de 16,4 para 8,9 mil. Para Francisco Simões, do ISCTE, os números espelham "problema estrutural"



PÁGINAS 2 E 3

“

A demografia interessa, porque os mais qualificados saem e muitos não regressam. Consequentemente, uma grande parte dos jovens que entram no mercado de trabalho tem qualificações baixas.